

TENSO CONVÍVIO. SOCIABILIDADE, MEDOS, HIERAR- QUIZAÇÃO E SEGREGAÇÃO EM UM BAIRRO POPULAR

Mauro Guilherme Pinheiro Koury*

maurokoury@uol.com.br

Resumen:

Este artículo busca para entender como los procesos de la construcción de la semejanza y de la desemejanza, entre los individuos y los grupos sociales, se forman y, de forma continúa, se informan. Este artículo busca entender también, las bases de la afirmación y las maneras de la superación del miedo del otro, y las estrategias de los discursos usados para los habitantes de un barrio popular de la ciudad de João Pessoa, Paraíba, Brasil. Analiza os procesos, aparentemente, sentidos como polares por los ciudadanos que los vivencian, y entendido, en este trabajo, como opuestos y complementares en el establecimiento de acciones y afirmaciones socialmente dispuestas y en proceso permanente de construcción de nuevos significados.

Abstract:

Tense Conviviality. Sociability, Fears, Hierarchy and Segregation in a Popular Quarter.

This article looks for to understand as the processes of construction of the similarity and of the dissimilarity, between social individuals and groups, are formed and, of form continues, are inquired. This paper search to understand also, the bases of affirmation and ways of overcoming of the fear of the other, and the strategies of the speeches used for the inhabitants of a popular quarter of the city of João Pessoa, Paraíba, Brazil. This article still analyzes the processes seen, apparently, as polar for the citizens that live deeply them, and understood in this work as opposing and complementary in the establishment of action the affirmations socially made use and in process of construction of new meanings.

Palabras clave:

Sociabilidad, Miedos Cotidianos, Jerarquía y Segregación.
Sociability, Fears, Hierarchy and Segregation in a Popular Quarter.

Este artigo¹ parte da hipótese central de que o medo é uma construção social significativa, e um instrumento analítico fundamental para se pensar os embates de configuração e processos de sociabilidades (KOURY, 2002, ECKERT, 1997, ECKERT e ROCHA, 2000, GIACOMAZZI, 1997, TIRELLI, 1996) e de formação dos instrumentos da ordem e da desordem que desenham dialeticamente a ação dos sujeitos e grupos em relação (KOURY, 1994). A análise social do medo, assim, compreende um jogo permanente de manutenção, conformação e transformação de projetos sociais e individuais realizados sempre enquanto redes de conflito que informam e formulam um social em um tempo e em um espaço determinado.

É parte integrante de um projeto em andamento que busca relacionar a questão do medo com a construção imaginária das cidades, no caso, a cidade de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, pelos seus habitantes (KOURY, 2001). O projeto tem a preocupação explícita de compreender como se formam e se informam continuamente os processos de construção de semelhança e da dessemelhança entre indivíduos e grupos sociais, as bases de afirmação e superação do estranhamento, e as estratégias projetivas em que se assentam as conformações discursivas dos habitantes dos bairros da cidade de João Pessoa. Processos aparentemente sentidos pelos que os vivenciam como polares, e vistos aqui como opostos e complementares no estabelecimento de ações a afirmações socialmente dispostas e em permanente resignificação (KOURY, 2004).

A pesquisa² tem também a preocupação de compreender como se constroem as bases para o estabelecimento dos códigos de conhecimento e confiança e dos de desconhecimento e falsidade, bem como, em que termos práticos e simbólicos se assentam estes códigos nas configurações expressas socialmente em uma comunidade determinada, no caso deste artigo, os moradores do bairro da Ilha do Bispo da capital do estado. Como se configuram e se estabelecem os pólos antagônicos e relacionais da mentira e da verdade em um social dado, que levam os membros de uma determinada organização a serem aceitos, rejeitados, estigmatizados e sempre hierarquizados enquanto sinais de reconhecimento de si próprios e imposição de semelhança ou de distância aos demais, sendo o medo enquanto conjunto informativo (GOFFMAN, 1988, LOTMAN, 1981 e ELIAS, 1990 e 1993), compreensivo e organizativo fundamental.

Busca compreender também, sob a ótica do medo, as bases da construção social possível em que se assentam os códigos do silêncio e da discrição. Códigos que fundamentam as práticas simbólicas do segredo enquanto mecanismo estruturador de ordenamentos sociais que unem indivíduos, grupos e fundam comunidades, e os elementos de proteção, de confiança e de confissão que alimentam e reforçam uma rede simbólica efetiva, ao mesmo tempo em que constroem os seus membros a um controle acima deles mesmos e sempre renovados enquanto prova de sua lealdade.

Este artigo monográfico sobre o bairro da Ilha do Bispo busca não só compreender o medo através da ótica de habitantes vistos como excluídos sociais da cidade, com todo o processo de sujeição, risco e disciplinamento a que estão expostos, mas também, como comunidades estruturadas e que detêm um conhecimento de si e dos outros singulares e, até certo ponto, mais conformes com elementos de tradição e solidariedade³. Buscará identificar os elementos que informam o imaginário dos habitantes do lugar, os anseios e ações cotidianas pessoais, de onde estão inseridos e da cidade como um todo, bem como sua relação com os demais habitantes e com a cidade de João Pessoa em geral.

Não se busca na pesquisa e neste artigo, em particular, um medo específico, mas a compreensão do imaginário sobre o medo, enquanto assentado em formulações banais e corriqueiras da ação social qualquer, que informa e fundamenta as possibilidades de conformação de um conjunto societário específico. O medo não é visto apenas como ameaça, mas também como possibilidade de uma nova articulação reativa.

A análise sobre o medo é vista enfim, como já mencionado, como um dos fatores estruturadores fundamentais, entre outros, da construção imaginária e social da cidade, tendo as noções de estranhamento e de conflito social um aspecto primordial de organizador de sociabilidade e de criação societária do bairro analisado e da cidade de João Pessoa em sua totalidade.

Sobre o processo de formação do bairro da Ilha do Bispo

O bairro da Ilha do Bispo, no imaginário dos seus moradores é um dos bairros mais antigos da capital. Sua instauração e ocupação, nas narrativas de vários informantes, se dão junto à fundação da própria cidade de João Pessoa. O cenário de seu aparecimento são as lutas travadas entre os Índios Potiguaras e Tabajaras, que lutavam entre si e contra os europeus no período da colonização. O bairro da Ilha do Bispo, então, teria a sua origem no tratado de paz entre as tribos indígenas e os Portugueses.

O tratado de paz que marca a fundação da cidade teria sido celebrado onde hoje é o bairro da Ilha do Bispo, local onde o cacique Piragibe residia. É comum nas falas dos entrevistados a imagem de um lugar que é tão antigo que já morou índios por lá: “... olhe seu moço, isso aqui é tão antigo que o senhor num sabe! Aqui foi o local de morada do índio Piragibe, bem aqui, ó, onde tem aquela placa, que é uma homenagem a ele” (Dona Maria Quitéria), ou neste outro comentário: “aqui só tinha índio, tá vendo aquela placa ali, é uma homenagem pra ele...” (Seu Edmilson).

O bairro da Ilha do Bispo nasceu como uma conseqüência do povoamento em torno do *Cruzeiro da Graça*, chamado, posteriormente *Cruzeiro das Almas* ou *Cruz das Alma*. Este povoamento deu origem aos atuais bairros de Cruz das Armas e da Ilha do Bispo. O surgimento do bairro da Ilha do Bispo encontra-se associado, assim, ao de Cruz das Armas. O povoamento em torno do *Cruzeiro da Graça*, dando procedência também a povoação e hoje bairro da Ilha do Bispo.

Independente desta informação, a origem do bairro remonta aos antigos sítios que circundavam o centro da cidade e que pouco a pouco foram se urbanizando, por vezes, precariamente (RODRIGUEZ, 1981). Lugar, até então, desabitado, com poucas moradias e composto por sítios e pelo o *Engenho da Graça*, pertencente ao clero católico.

O processo sistemático de ocupação e urbanização do bairro, contudo, vai acontecer, principalmente, a partir da segunda metade da década de 1930, e se realiza *pari passu* a inauguração e funcionamento da fábrica de cimento e da usina de óleo Matarazzo. Seu Aluísio, antigo morador do bairro, que chegou a construir sua moradia no local um pouco antes da chegada da fábrica de cimento, logo após chegar do interior com a mulher, recém casados, conta que “quando cheguei por aqui não tinha quase casa, era uma casa ali, outra aqui, outra mais pra cima tinha e uns sítios, e umas poucas ruas, menos do que ruas, umas trilhas por onde o povo passava e ia seguindo o caminho das casas e as beiradas dos sítios. Depois que a fábrica se montou aí começou a ajuntar mais o negócio, foi construída umas casas pros trabalhadores de lá e aí as ruas foram apumando, foram traçando depois avenida, separando o bairro e destruindo umas ruas, até que deu o que senhor tá vendo hoje”

Segundo Seu Genival, outro antigo morador do bairro, “a habitação aqui era pouca, e foi aumentando depois de 1935... a população foi aumentando... a tendência de crescer do bairro tava aumentando”.

O bairro consta hoje, segundo o IBGE (2000), com uma população aproximada de 4.139 habitantes. Possui 847 domicílios, dos quais mais de 494 residências se localizam em *aglomerados subnormais*. Mais da metade das habitações do bairro, - 58,32% das moradias, - se encontra, deste modo, abaixo da linha da pobreza.

A Ilha do Bispo é uma área insular situada entre o rio Sanhauá e um de seus afluentes. Sua vegetação característica é o mangue, berçário natural da vida marinha e fonte de alimentos, como peixes e caranguejos. A paisagem natural tem sido constantemente modificada, como conseqüência de aterros desordenados.

O aterro do mangue para a construção de casas, ou simplesmente para se livrar da lama alterou a característica insular do bairro. Do estabelecimento da fábrica até hoje, o bairro sofreu alterações significativas na sua estrutura espacial, várias casas foram destruídas, para ordenamento e disciplinamento das ruas, outras deixaram de existir e surgiram várias novas ou com denominações diferentes que interferem ainda hoje na memória dos seus moradores mais antigos.

Na década de 1990 foram, enfim, construídas duas vias expressas. A primeira foi a *Avenida Liberdade* ligando a cidade de João Pessoa a cidade de Bayeux, que na sua construção aterrou uma

grande área de mangue, e motivou a ocupação desenfreada da área aterrada, conhecida como *Mangue Seco*, pela população pobre da cidade. A segunda foi a *Via Oeste*, que serve de acesso entre o terminal rodoviário e a BR-101, passando pelo bairro do Alto do Mateus.

O afluente do rio Sanhauá foi praticamente extinto pelos aterros. Atualmente a impressão que se tem da Ilha do Bispo é a de que os seus limites naturais foram substituídos pelas estradas de asfalto. As duas vias modificaram a feição espacial do bairro para a que se tem hoje ampliando, de um lado, as moradias de baixa renda na ocupação do *Mangue Seco* sobre a área aterrada para a construção da avenida Liberdade e, de outro lado, destruindo completa ou parcialmente ou modificando áreas e edificações antigas do bairro. Como é o caso do lamento do Seu Pedro Flores, “destruindo, seu moço, inclusive, a Igreja do Nosso Senhor do Bonfim”.

Do ponto de vista de vários entrevistados, com a construção das duas vias e, principalmente a via Oeste, houve uma divisão nítida no bairro, de um lado a área industrial e, do outro, a área residencial. O que ocasionou uma ação de reapropriação de terreno por parte da fábrica sobre os antigos moradores do bairro que ficaram na área industrial.

A fábrica alegou necessidade do terreno onde estavam construídas moradias, houve resistências, tentativas de acordo, propostas de compra das benfeitorias nas terras aforadas, até que expulsou quase todos os antigos moradores para fora da área industrial. A maior parte dos moradores expulsos montou novas casas no lado residencial da Ilha do Bispo, na área conhecida por Mangue Seco, cujo terreno pertence à União, outros indo para vários outros bairros ou espaços livres da cidade de João Pessoa para fixar residência, compondo o mapa básico do bairro atual.

O bairro da Ilha do Bispo sofreu, deste modo, vários processos conflituais na sua constituição. A marca de quase todas as narrativas dos informantes é o relato das perdas e a reconstrução dos mapas cognitivos que asseguram os elementos essenciais da memória dos diversos traçados que o bairro possuiu. Relatos construídos através da narrativa de muitas lutas e tensões, e do medo de novas investidas sobre ele, modificando espaços e de novo expulsando os moradores do lugar.

O mapa básico e principal do bairro da Ilha do Bispo, como pode ser visto abaixo, é formado hoje por um conjunto de três ruas principais: a Avenida Redenção, a Rua Lopo Garro e a Rua Carneiro de Campos. A Avenida Redenção e a Rua Carneiro de Campos são cortadas pelas Ruas Alfredo Portela, Cícero Moura e a Rua Senhor do Bonfim. As Travessas Lopo Garro e Redenção, por sua vez, corta a Rua Lopo Garro. Compõe o bairro, ainda, a Via Oeste, que separa a área residencial da industrial, a Fábrica de Cimento, a Praça Índio Piragibe, a Mata da Graça e o Cemitério da Boa Sentença.

Nos arredores da avenida Redenção acontece a maior circulação de pessoas do bairro. Lá se concentram os bares, no total de quatorze, uma das plataformas da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), que liga Bayeux a Cabedelo, e que corta a Avenida ao meio, e a rota de ônibus coletivo da empresa Mandacaruenense, que faz a linha Ilha do Bispo-Shopping Manaíra. Na Avenida Redenção se localiza ainda, quatro Igrejas Protestantes, a Capela de Santo Antônio, um Centro de Umbanda e várias casas residenciais. Dada a extensão da avenida, esses espaços se distribuem de forma equilibrada.

Na rua Carneiro Campos se encontra localizado dois dos três colégios existentes no bairro, além do Posto de Saúde, da Creche Municipal, da Igreja Senhor do Bonfim e do Centro Maguary de Laser. O outro Colégio do bairro se localiza na Rua Lopo Garro.

A circulação das pessoas se restringe à entrada e saída dos alunos nas escolas, visita ao posto de saúde, as igrejas, as saídas para o centro ou outros bairros, para as casas dos vizinhos e aos bares. Os moradores ainda costumam conversar nas calçadas, em pé nos muros ou em cadeiras colocadas na rua. A visão dos moradores sentados nas calçadas, em pé nos portões, nos muros, a conversar, a *papear*, a colocar a conversa em dia, a informar ou inteirar-se das fofocas, a jogar dominó, é permanente e cotidiana. Parecem que nunca saem de lá, a não ser nos intervalos de uma saída ou outra do bairro ou nas lidas diárias do cuidar da casa ou do trabalho. Mas sempre estão presentes, como uma grande comunidade.

A circulação e o movimento das pessoas pelas ruas do bairro são feitos, geralmente, pelos próprios moradores do lugar. De manhã cedo, as crianças se dirigem para as escolas e as pessoas que trabalham no centro da cidade ou em outros bairros saem para mais um dia de trabalho. Cena repetida no final da manhã e no final do dia, com o retorno para casa.

O movimento de ir e vir às casas dos vizinhos é permanente. Também é freqüente a ida aos dois armazéns do bairro, a ida ao centro da cidade e outros bairros para lazer, fazer compras ou resolver algum *negócio*. “A gente vive nesse vai e vem no bairro e vez ou outra perambula, por negócio ou pra visitar parentes, pela cidade. Mas, no mais das vezes a gente fica mesmo é por aqui, ou fazendo os serviços da casa, cuidando dos meninos, ou papeando com as amigas e vizinhas”, diz dona Josefa, moradora local.

Durante à tarde, vêem-se grupos de pessoas reunidas, conversando, bebendo, namorando ou fazendo negócios. Os mais velhos que se reúnem na praça, os mais jovens que se reúnem nos bares ou no centro comunitário, que também se localiza na Avenida Redenção.

A ida de pessoas de fora do bairro às casas dos moradores não é muito freqüente, a não ser parentes ou amigos que chegam para conversar alguma coisa especial ou em ocasiões também especiais como aniversários e outras datas significativas. Em geral são os bares que recebem pessoas vindas de outros bairros, na maioria das vezes algum amigo, parente, colega de algum dos moradores do local. Quase todos, desta forma são conhecidos entre si, de forma direta, ou indiretamente por saber que aquele fulano ou fulana é ligado a um determinado morador.

O movimento de caminhões carregados com a matéria prima e a própria produção da fábrica de cimento, que está localizada do lado direito da Ilha no sentido bairro-centro, no horário comercial, também é constante, bem como os motoristas, cobradores e fiscais das linhas de ônibus que circulam pela Praça Índio Piragibe entre uma parada e outra.

Perguntados sobre que locais de maior movimento no bairro, é quase unânime se afirmar a Avenida Redenção. Apontada como a principal do bairro e o local onde todo mundo se encontra. A praça Índio Piragibe, o ponto final de ônibus, o Mangue Seco, ponto de passagem obrigatória para quem se dirige aos municípios de Bayeux e Santa Rita, também são apontados como locais importantes de circulação e encontro do bairro.

São pontos de encontro, de troca, de informação, de lazer e espaços de solidariedade. O nível de entrosamento e o conhecimento comum criam uma espécie de sociabilidade básica, entre os espaços da casa e da rua, mais ampla e mais densa que a fundada nos laços familiares, porém, significativa e estável. São pontos de referência comuns, que ampliam e sedimentam os laços de vizinhança, onde todos se conhecem e se sentem entre iguais.

Esses pontos referenciais também se ampliam através do convívio cotidiano entre os moradores. Os bares, por exemplo, são pontos de apoio e de localização. Mesmo que um morador específico não freqüente sabe que aquele outro está lá, senão em quase toda hora de folga, “no horário tal e qual”, como disse Dona Pequena, moradora da travessa Redenção. As escolas, as igrejas, o centro comunitário, o Maguary Esporte Clube, são também pontos de reunião e encontro de jovens e adultos, que se encontram para a organização das festas de rua, de festinhas nos finais de semana, de apresentações de bandas, de rezas e orações, para discutirem os problemas do bairro, entre outras possibilidades.

Espaços que inspiram perigos

Alguns espaços do bairro são tidos como perigosos e são malvistas pelos moradores. Quase todos apontam os locais conhecidos por *Cangote do Urubu*, por *Condomínio Índio Piragibe*, popularmente chamado de *Titanic*, e o *Conjunto Frei Marcelino* como áreas perigosas, bem como outros locais conhecidos como áreas de favela pelos moradores do bairro, como as de *Aratu*, *Tanque*, *Buraco da Jia*, *Mangue Seco*, *Redenção* e *Santa Emilia de Rodat*.

O primeiro, o Cangote do Urubu é uma zona considerada de ocupação recente, datada dos últimos vinte anos. A área é chamada de favela pelos demais habitantes do bairro. Situada por trás do

um conjunto habitacional que ganhou o nome de Condomínio Índio Piragibe e, no final dos anos noventa, por fim, as famílias abrigadas na escola foram transferidas pela prefeitura para lá. Depois das famílias transferidas, houve o término da escola e o início do seu funcionamento, no ano 2000.

Muitas das famílias transferidas para o Condomínio, sublocaram os seus apartamentos ou venderam a outros, deslocando-se para outros bairros ou outras áreas de ocupação. Hoje o condomínio é uma área em decadência e mal visto pelos moradores da Ilha.

Hierarquização e segregação

Ao conversar com alguns moradores do Cangote do Urubu, do Condomínio Índio Piragibe e do Conjunto Frei Marcelino muitos deles concordam com a opinião dos demais moradores da Ilha do Bispo de que lá moram muitos “ladrões, maconheiros, gente ruim”, mas também “tem muita gente de bem, trabalhador pobre, mas honesto”, como afirmou seu Galunga, morador do Condomínio Índio Piragibe.

Dona Chiquita, moradora do Cangote do Urubu, por sua vez, em seu depoimento, complementa que, “os lá de baixo, referindo-se aos moradores da Ilha do Bispo, são cheios de nhem, nhem, nhem, acham que tem o rei na barriga porque são remediados e olham a gente com medo ou como gente ruim, mas aqui não é tudo assim não, tem mulher de respeito, tem gente direita e temente a Deus, tem pais de família batalhador, só que pobre e desempregado e vivendo do que pode e como pode”.

Os moradores da Ilha do Bispo, falam mal e segregam os moradores do Cangote do Urubu, do Conjunto Frei Marcelino e do Condomínio Índio Piragibe, estabelecendo uma hierarquização entre os habitantes do bairro. Os *de lá*, referindo-se tanto ao Cangote quanto ao Condomínio e o Conjunto, são mais pobres, são bandidos, são perigosos, são drogados, são sujos e não se dão ao respeito. Essa separação é vivida pelos habitantes da Ilha do Bispo como uma espécie de superioridade em relação aos dos das outras áreas, os quais, por sua vez, introjetam essa imagem de mais pobres, de um lugar perigoso, mas buscam escapar do estigma pela generalização da Ilha do Bispo sobre todos os moradores do Cangote, do Conjunto ou do Condomínio: aqui também tem gente de bem. É interessante verificar, de forma comparativa, o trabalho de Elias (2000) sobre a comunidade inglesa de Winston Parva, ficando atento para a construção de hierarquias e oposições em comunidades aparentemente de iguais.

A discussão é moral e está inscrita dentro de uma argumentação onde o pobre e o trabalhador se diferenciam pela disposição ao trabalho. A pobreza em si é vista como um elemento depreciativo se não acompanhada pela adjetivação trabalhador, - “sou pobre mais trabalhador”, por exemplo. A pobreza não adjetivada pelas categorias de trabalho, honestidade, temente a Deus, é vista pelos próprios moradores também em situação econômica precária, como perigosa (SARTI, 2003 e 1994 e KOURY, 1989, 1988, 1986 e 1986a).

Em um *survey* realizado pelo GREM no Bairro da Ilha do Bispo, em 2002, constatou-se que a maior parte dos moradores ganham até dois salários mínimos, muitos se encontram desempregados e vivem em condição de vida precária, abaixo da linha da pobreza. Nesse sentido, pouco se diferenciam dos que moram nas áreas chamadas de Cangote do Urubu, Conjunto Frei Marcelino ou Condomínio Índio Piragibe.

A diferenciação se dá mais por ordem de antiguidade, são moradores de muito tempo no bairro, alguns vindos de gerações anteriores. As condições das casas também pouco se diferenciam. Nos últimos vinte anos de ocupação do Cangote do Urubu, muitas das casas construídas como barracos de ocupação ganharam paredes de tijolo e os corredores por onde se transita ganharam um pouco mais de disciplinamento. Embora ainda haja várias casas de madeira, algumas com paredes internas de papelão, pela renovação dos moradores em várias fases de ocupação. Nos últimos seis anos de ocupação do Condomínio Índio Piragibe, houve uma degradação do conjunto residencial, é bem verdade, mas as condições de moradia também pouco se diferenciam das do bairro em seu conjunto. A existência de sublocações, de mais de uma família morar em um mesmo espaço, não é estranha

aos moradores da Ilha. Muitas famílias fazem isso, residindo mais de um casal com filhos e outros agregados em um mesmo espaço residencial.

No Conjunto Frei Marcelino, por seu turno, nenhuma diferença significativa existe entre os demais moradores da Ilha, a não ser de muitos dos seus habitantes terem sido trazidos de fora do bairro para dentro, durante a entrega das residências. O local ficando, deste modo, sob suspeita, e a suspeição aumentando quando muitos sublocaram as residências ou as transferiram para mãos de terceiros.

Muitos dos moradores do Cangote, do Conjunto ou do Condomínio, por seu turno, como os demais do bairro, em sua maioria, têm emprego fixo ou uma profissão, como as de pedreiro, encanador, ajudante de pedreiro, marceneiro, vigias noturnos, empregadas domésticas, manicuras, entre outras, mas a maioria vive no mercado informal como ambulantes, ou de bicos. No geral, a renda mensal por residência não passa de dois salários mínimos, como no restante do bairro.

A área em que residem, porém, é sentida pelos próprios moradores do lugar como estigmatizante, e se sentem inferiorizados por nela residirem. Daí a necessidade de adjetivação de se próprios como pobres, porém trabalhadores, tementes a Deus, honestos e outras tantas que restauram ou minoram perante si próprios, ao se autotransformarem a dignidade e auto-estima própria, perante os outros do bairro ou da cidade como um todo.

Os moradores do restante da Ilha do Bispo, apesar de também se encontrarem em situação econômica e em condição de vida precária, quanto os do Cangote do Urubu ou do Condomínio Índio Piragibe, vêem a si próprios como possuindo uma tradição no lugar. A tradição os diferencia em relação aos outros, considerados invasores, mais pobres, mais perigosos e que desonram o bairro.

O conceito de honra (PITT-RIVERS, 1988), assim, se junta ao de tradição e tempo de moradia no bairro, parecendo atribuir o direito ao orgulho de si mesmos, enquanto moradores antigos, os diferenciando e os dignificando em relação aos demais moradores do bairro que lá residem há pouco tempo. São os outros, estes outros qualificados como invasores, que deterioram a imagem do bairro na cidade, comprometendo a todos.

Convivência tensa

Um outro local evitado pelos moradores é à beira da linha férrea. É uma tensão permanente entre os moradores, principalmente nos locais onde falta uma parede de proteção. Muitas histórias são contadas de pessoas, principalmente crianças, atropeladas por trens. Ainda referente à linha férrea, indicam a estação, à noite, como um lugar a ser evitado. É lá que se encontram os marginais, “é uma boca de fumo que só o senhor vendo. Tudo o que num presta acontece por ali à noite”, disse dona Bia, moradora da travessa Carneiro Campos.

A ponte que separa a Ilha do Bispo do bairro do Alto do Mateus e do Conjunto Brasília é um outro local considerado perigoso porque “os bandidos ficam por ali, e pega os descuidados para assaltar e matar”, também de acordo com o depoimento de Dona Bia. Tais lugares apontados pelos moradores como locais perigosos são espaços que fazem parte, se confundem e se misturam no bairro. São lugares vistos sob a ótica do medo e da tensão entre os moradores, que possibilitam uma demarcação moral entre os bons e os maus habitantes e, ao mesmo tempo, uma certa troca de favores e alianças entre os moradores em seu conjunto.

Por se situarem no próprio bairro, por estarem sempre se interconectando enquanto presenças contínuas no bairro, por todos serem conhecidos de todos, os moradores informam também que, sendo um pai ou uma mãe de família, uma moça de respeito ou um rapaz ajuizado, e tendo que passar pelas áreas perigosas à noite ou em horários mais desertos, “os bandidos num atacam não. Respeitam! Conto para o senhor um caso de um pai de família que mora logo ali a diante, que o filho pequeno ficou doente e ele saiu a pé desesperado com a criança nos braços. Uns mal-encarados queriam atacar ele, mas a turma que tavam com eles num deixaram não e até deram cobertura para o homem com a criança atingir um ponto com uma combe para levar a criança para o hospital”.

O depoimento de seu Flores deixa claro duas questões sempre tocadas pelos moradores do bairro quando falam dos lugares tidos como perigosos. A primeira diz respeito a uma troca de favores entre

os moradores tidos como perigosos e os não perigosos. Pelo conhecimento de ambos sobre o outro, há um código de confiança e proteção. A não ser que haja traição de uma das partes, que obriga a outra a se vingar, seja matando, ou deixando o outro ser roubado, ou indicando para a polícia, no anonimato, alguém procurado. A outra questão é que, para o conjunto dos moradores da Ilha do Bispo, independente do local hierarquizado onde moram, são os de fora que dão medo, que oferecem maior perigo.

Fronteira, perigo e estranhamento

De uma forma ou de outra, quem mora no Condomínio Índio Piragibe, no Cangote do Urubu, no Conjunto Frei Marcelino, nas áreas de favelas vieram de fora do bairro, mais pelo tempo que residem permitem uma convivência tensa mais dentro de alianças possíveis que comemoram ou dão sentido a uma coexistência comum. “O grande problema é o pessoal que vem de fora”, diz dona Bia. A violência vem de fora para dentro, e dentro do bairro e são acobertados pelos que lá residem, principalmente pessoas que residem nas áreas de má fama do bairro.

Vem pelas áreas de fronteiras, seja através da linha férrea ou pela ponte, locais que sempre são vistos como perigosos e contaminadores dos jovens locais, já que são freqüentados pelos marginais, vindos de outros bairros ou cidades limítrofes, todos locais perigosos na percepção dos habitantes da Ilha do Bispo, como Bayeux, Alto do Mateus ou pelos lados do Oitizeiro, Trincheiras ou Cruz das Armas⁴. Seu Antonio afirma, “Eles vem pra qui e se junta com os que não presta do bairro e, muitas vez, seduzindo meninos e meninas legais do bairro”. No que é acrescentado por seu Armando: “A bandidagem puxa fumo a noite inteira, bebe e faz algazarra, além de roubarem pais de família e os desavisados que passam por ali. Muitas vezes os pais de família que tem que atravessar a pé o bairro vindo de Bayeux pra cidade são vítimas desse povo que vem de fora e se acumula nas frestas e nas porteiros do bairro”.

Seu José, em seu depoimento, faz uma ligação entre o perigo de fora e os indivíduos que moram nos espaços considerados perigosos do bairro, também considerados sujeitos não confiáveis, que estimulam e provocam medo no bairro e desgastam a imagem do bairro na cidade. Informa ele que “esses caras de fora do bairro muitas vezes são elementos acobertados pelos indivíduos que moram nesses redutos de bandidagem que são o cangote do urubu e esses condomínios mal afamados. São locados pelos que veio também de fora e hoje se assentam como um posto armado nas áreas de favela do bairro e, principalmente, no Titanic e no Cangote”.

Dona Esmerenciana, em seu depoimento, põe o dedo no estigma presente no bairro, entre as áreas em que circulam os sujeitos de bem, moradores considerados tradicionais, e os mal afamados. Sua observação indica o medo do contágio que esses habitantes das áreas mal afamadas do bairro e os sujeitos vindo de fora que as freqüentam e ocupam o espaço das fronteiras do bairro, sobre os habitantes tradicionais, sobretudo os mais jovens. Segundo ela, “Esses dão má fama ao bairro e pioram a situação dos nossos meninos. Tenho maior medo dos meus filhos se juntarem a eles. Tem Dona Maria, que mora ali na travessa Redenção, que teve um filho morto recentemente pela polícia. Era um menino muito bom até que se envolveu com uma moleca lá do Cangote e deu para o que num presta. Começou a beber, a puxar uns rolos, a se envolver com assalto e aí, num pega com a polícia, mataram ele”.

O depoimento de Dona Zefinha, que mora na rua Frei Herculano, indica, também, que são os outros, os de fora do bairro, sob a permissão de moradores de áreas tidas como perigosas da Ilha, que trazem medo e tensão para o bairro. Tensão porque, entre outros elementos que elevam o conflito entre os moradores, como o perigo eminente de virem a sofrerem estupros, roubos e mesmo morte, ou de indicarem a má fama do bairro para a cidade de João Pessoa como um todo, se encontra o perigo de terem os filhos arrastados para “o que num presta”.

Deste modo, as formas de sociabilidade expostas nas situações experienciadas e ou relatadas pelos moradores, demonstraram ambivalências que permeiam as relações de vizinhança, e que determinado grupo assume diante de situações de medo, e instabilidade no grupo no que diz respeito

às hierarquizações estabelecidas na comunidade. De um lado, as áreas tidas como perigosas são áreas consideradas de ocupação recente, de grupos não de todo codificados pelos demais moradores. Por outro lado, são compostos por sujeitos que freqüentam os mesmos locais, que trafegam pelas ruas, que são conhecidos de todos. O que empurra a narrativa dos moradores para os que vem de fora do bairro para “fazer o que num presta por aqui”.

Esse segundo discurso organiza a narrativa proposta pelos moradores. Pois os que vem de fora são acobertados pelos outros das áreas consideradas perigosas, “porque lá abriga toda sorte de gente, como maconheiros, bandidos. Essas pessoas de fora, acobertadas pelos que se locam nas favelas é que trazem a violência pro bairro e as situações de medo, de insegurança, discórdias, desarmonia, desavenças e, principalmente, de maus exemplos pras nossas crianças. É claro que muitas vezes eles tratam de segurar os safados de fora que querem perturbar com os cidadãos daqui, mas são tudo igual, farinha do mesmo saco”.

O depoimento de Seu Arnaldo coloca a ordem no discurso do outro na comunidade. Ao afirmar que “são tudo igual, farinha do mesmo saco”, segmenta mais uma vez os moradores da Ilha entre os de fora e os de dentro. Os de fora se estendendo para os moradores das áreas consideradas perigosas. Por outro lado, porém, os de fora também sofrem uma segmentação, entre os que moram na comunidade e os que moram em outros bairros e que vêm para a Ilha para “fazer o que num presta”.

Nesta segunda segmentação, afirma de um lado, que os que moram na comunidade “muitas vezes tratam de segurar os safados de fora que querem perturbar com os cidadãos daqui”, conotando uma imagem de pertença aos moradores da comunidade, e uma troca de solidariedade e uma certa reciprocidade afirmativa em alianças ao conjunto do lugar. São os outros, os que vem de fora e são acobertados pelos que moram no bairro que são a fonte do perigo. E pior, os que acobertam podem ser, também e talvez, seus próprios filhos. Uma vez que muitos são “meninos e meninas legais do bairro”, seduzidos pelos outros.

No imaginário local, a imagem de um bairro violento, onde vivem marginais, só começa com o surgimento da nova geração de moradores, como informa seu Edmilson, “até os anos 50 nunca foi visto um crime na Ilha, dos anos 50 pra cá, 60 aí foi se desesperando as coisas e aí apareceram muitos crimes, e dos anos 60 pra cá aí começou mesmo, a nova geração, a geração hoje é muito brava, o mais comportado foi esse povo de trás, aqui na Ilha nos anos 30, 40 a gente não via um crime, era a maioria de um povo trabalhador”.

Ou, como reforça o seu Israel, “a perturbação que tem aqui são dos que vem de fora, não são do povo da Ilha.”. O que denigre a imagem do bairro junto a cidade, como um local violento, exposta com grande revolta nos depoimentos de vários moradores, como viemos até então demonstrando.

Notas finais: pobreza e abandono

A revolta dos moradores, porém, embora tenha a imagem do bairro como violento como principal ponto de inflexão, tem uma outra direção específica que engloba todos os moradores do bairro em um e mesmo discurso. Para os moradores da Ilha, em seu conjunto, o motivo dos problemas sociais existentes no lugar vem do abandono do poder público.

Em quase todos os depoimentos, alegam o esquecimento “por parte dos governantes” como o problema central da Ilha do Bispo. “Pois, se houvesse interesse, os poderosos davam força pro lugar e nós vivia de novo uma perspectiva de melhora, e não esse abandono que o senhor vê por aqui”, afirma Dona Josefa.

O que pesa afinal, no imaginário local, é o desprezo que sentem da administração municipal e dos governantes no geral em relação a políticas públicas em relação a pobreza e a falta de expectativa que deixam os jovens sem futuro, arriscando ações imediatistas como forma de minorar a miséria e o sentimento de frustração de se sentirem excluídos do processo de participação cidadã, na cidade, no estado e no país. É neste sentido que, em tom conclusivo, usado aqui, também para finalizar este artigo, seu Armando dá continuidade ao argumento de dona Josefa. No seu depoimento ela afirma que, “Se houvesse interesse dos governantes, mais iluminação, mais guardas, mais emprego

e investimento no bairro, a meninada não se envolvia com nada mais que no futuro dela. Isso só acontece porque nossa meninada não tem mais esperança, vive o dia a dia se atirando em qualquer coisa que vem pela frente, se perdendo e muitas vezes nesses impulsos, morrendo. Isso é triste, porque a gente mais velha sabe que isso é coisa de quem não tem mais no que apostar”.

Notas

* Professor do Departamento de Ciências Sociais e Coordenador do GREM – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Emoção, da UFPB.

¹ Os bolsistas PIBIC-CNPq, Antonio Duarte e Estevão Palitot e a professora substituta e pesquisadora do GREM, Maria Sandra Rodrigues dos Santos, participaram do levantamento de dados na Ilha do Bispo, sob a supervisão do autor, em diversas fases da pesquisa *Medos Corriqueiros* em andamento no GREM.

² No momento atual a pesquisa *Medos Corriqueiros* possui orientandos que terminaram ou fazem suas monografias de conclusão de curso em Ciências Sociais, e trabalham como estagiários voluntários ou bolsistas PIBIC/CNPq-UFPB e PROBEX-UFPB, no interior desta pesquisa. Os trabalhos desses estudantes se debruçam na análise sobre medo, pertença e memória nos bairros de Tambaú, Tamiá e Estados e Cruz das Armas, Ilha do Bispo, Valentina, Mangabeira, Centro e Varadouro, da cidade de João Pessoa, Paraíba. Ver alguns relatórios finais de pesquisa PIBIC/CNPq-UFPB sobre os bairros de Valentina de Figueiredo (ALMEIDA, 2004) e Mangabeira (CAVALCANTE FILHO, 2004), e algumas monografias já defendidas no interior da pesquisa sobre bairros da cidade de João Pessoa: sobre Tambaú (SOUSA, 2004), Estados (SILVA, 2004), Cruz das Armas (SOUSA, 2003), Tamiá (SILVA, 2003), da comunidade do Porto do capim, do bairro de Varadouro, (VILAR, 2001), e sobre o processo de luto na Ilha do Bispo (SANTOS, 2002).

³ Ver uma primeira aproximação ao bairro em Koury e Santos (2004).

⁴ Conforme Lei Municipal nº 1.574, de 4 de setembro de 1998, os bairros limítrofes a Ilha do Bispo se são: ao Norte: Bayeux; Sul: Oitizeiro; Leste: Cruz das Armas e Trincheiras e, ao Oeste: Bayeux e Alto do Mateus.

Bibliografia

- ALMEIDA, Alexandre Paz, (2004). *Estudo de caso de uma rua no bairro de Valentina de Figueiredo, João Pessoa, Paraíba. Uma análise das formas de sociabilidade sob a ótica do medo*. Relatório Final PIBIC 2003/04, João Pessoa, GREM (Orientador: Mauro Guilherme Pinheiro Koury).
- CAVALCANTE FILHO, Francisco de Assis Vale, (2004). *Estudo de caso de uma rua no bairro de Mangabeira, João Pessoa, Paraíba. Uma análise das formas de sociabilidade sob a ótica do medo*. Relatório Final PIBIC 2003/04, João Pessoa, GREM (Orientador: Mauro Guilherme Pinheiro Koury).
- ECKERT, Cornelia. (1997). *Estudo Antropológico de Itinerários Urbanos, Memória Coletiva e Formas de Sociabilidade no Mundo Contemporâneo*. Projeto de Pesquisa Integrado CNPq. Porto Alegre.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. (2000). “Elipses temporais e o inesperado na pesquisa etnográfica sobre crise e medo na cidade de Porto Alegre”. *Iluminuras*, número 1. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS. 21f.
- ELIAS, Norbert. (1990 e 1993). *O Processo Civilizador*. 2 vols., Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- ELIAS, Norbert. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- GIACOMAZZI, Maria Cristina Gonçalves. (1997). *O Cotidiano da Vila Jardim: um estudo de trajetórias, narrativas biográficas e sociabilidades, sob o prisma do medo na cidade (Porto Alegre, RS)*. Tese. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS.
- GOFFMAN, Erving (1988). *Estigma. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara.
- IBGE (2000). *O Brasil em números*. Rio de Janeiro, IBGE.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro e SANTOS, Maria Sandra Rodrigues dos. (2004). “Cotidiano e sociabilidade na Ilha do Bispo”. In, *Anais completos do XI CISO - XI Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste – CD-Rom*. Aracaju, NPPCS/UFS.

- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro et all. (2004). “Formas de Sociabilidade e Uso do Espaço sob a Ótica dos Medos no Urbano Contemporâneo: Um estudo de caso em alguns bairros da cidade de João Pessoa, Paraíba”. In, Mauro Koury e Cristina Barreto, (Orgs.). *Antropologia da Emoção*. Ensaios. CD-Rom. João Pessoa, Edições do GREM, pp. 91 a 98.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, PAIXÃO, Antonio Luís, OLIVEIRA NETO, Waldemar de e FRANCA, Roberto. (1989). “Violência e Justiça”. *Cadernos da ASPE*. v. 1, n. 1, pp. 1 a 54.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1986). “Trabalho e disciplina. Os homens pobres nas cidades do Nordeste, 1989-1930”. In: Diversos Autores. *Relações de trabalho e relações de poder: mudanças e permanências*. V. 1, Fortaleza, Ed. Universitária, pp. 134 a 150.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1986a). “Pobreza e Cidade. As Tentativas de Regulamentação dos Homens Pobres no Nordeste, 1889-1920”. *Cadernos do CEAS*, n. 106, pp. 36 a 46.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (1994). “As violências invisíveis: Paraíba – 1993”. *Política & Trabalho*, n. 8/10, pp. 3 a 12.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2001). *Medos Corriqueiros: a construção social da semelhança e da dessemelhança entre os habitantes urbanos das cidades brasileiras na contemporaneidade*. Projeto de Pesquisa, João Pessoa, GREM.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. (2002). “Medos Corriqueiros: Em busca de uma aproximação metodológica”. *Cronos*, v. 3, n. 1, pp. 94 a 101.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. “Diferenciação entre o Bem e do Mal: Pobreza, Violência e Justiça”. In, Vários Autores, *Nordeste, O Que há de Novo?* Vol. 1. Natal, Universitária, 1988, pp. 147 a 150.
- LOTMAN, I.M. (1981). “Semiótica dos conceitos de vergonha e medo”. In, *Ensaios de Semiótica Soviética*. Lisboa, Horizonte, 1981.
- PITT-RIVERS, Julian. (1988). “Honra e posição social”. In, Peristiany, J.G (Org.). *Honra e Vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. 2ª edição, Lisboa, Calouste Gulbenkian, pp. 11 a 59.
- RODRIGUEZ, Janete Lins & DROULERS, Martine. (1981). *João Pessoa. Crescimento uma capital*. João Pessoa, Fundação Casa de José Américo.
- SANTOS, Maria Sandra Rodrigues dos. (2002) *Um espaço relacional? Rituais da morte no bairro da Ilha do Bispo*, João Pessoa, Paraíba. Dissertação. João Pessoa, PPGS/UFPB. (Orientador: Mauro Guilherme Pinheiro Koury).
- SARTI, Cynthia Andersen. (1994). *Ambivalência entre iguais: uma discussão sobre a moral dos pobres*. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu.
- SARTI, Cynthia Andersen. (2003). *A família como espelho*. 2ª. Edição. São Paulo, Cortez.
- SILVA, Andréia Viera da. (2004). *Sob a ótica do medo: um estudo de caso no bairro dos Estados*, João Pessoa, Paraíba. Monografia. João Pessoa, CCS/UFPB. (Orientador: Mauro Guilherme Pinheiro Koury).
- SILVA, Rivamar Guedes da. (2003). *Tambiá - Medo, cultura e sociabilidade. Um estudo sobre o bairro de Tambiá*, João pessoa, PB. Monografia. João Pessoa, CCS/UFPB. (Orientador: Mauro Guilherme Pinheiro Koury).
- SOUSA, Anne Gabriele Lima. (2004). *Tambaú: Pertença e fragmentação, sob uma ótica do medo*. Monografia. João Pessoa, CCS/UFPB. (Orientador: Mauro Guilherme Pinheiro Koury).
- SOUZA, Alessa Pereira de. (2003). *Uma análise do bairro de Cruz das Armas sob a ótica do medo*. Monografia. João Pessoa, CCS/UFPB. (Orientador: Mauro Guilherme Pinheiro Koury).
- TIRELLI, Cláudia. (1996). *Cartografia Social da Violência: estudo sobre a criminalidade na Região Metropolitana de Porto Alegre - 1988/1995*. Dissertação de Mestrado, PPGS-UFRGS. Porto Alegre.
- VILAR, M. da C. (2001). *Medo na Cidade: uma experiência no Porto do Capim*. João Pessoa, Monografia. João Pessoa, CCS/UFPB. (Orientador: Mauro Guilherme Pinheiro Koury).